

# DIMENSÕES DA INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Eliane Mimesse Prado  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# DIMENSÕES DA INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

**Eliane Mimesse Prado**  
(Organizadora)

Atena  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Dimensões da infância na história da educação

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Eliane Mimesse Prado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D582 Dimensões da infância na história da educação /  
Organizadora Eliane Mimesse Prado. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-173-9

DOI 10.22533/at.ed.739211506

1. História da educação. 2. História. 3. Assistência. 4.  
Infância. 5. Diálogo. I. Prado, Eliane Mimesse  
(Organizadora). II. Título.

CDD 370.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

### História, Assistência e Infância: um convite ao diálogo

Arlete Farge (2011) entende que a atualidade histórica provoca ao historiador novas interrogações e que “a disciplina se abre a outros caminhos, métodos e formas de exposição.” (FARGE, 2011, p.61). A atualidade que atravessamos no Brasil e no mundo, marcados pelo sofrimento de uma pandemia, nos obriga a pensar, escrever e nos entender na relação com o mundo. A pesquisa e os nossos esforços de estudo se abalam, não só pelas dificuldades conjunturais momentâneas, mas pelos sentidos que empreendemos nas relações humanas e na vida cotidiana.

A dor não é uma invariante, uma consequência inevitável de situações dadas; é um modo de ser no mundo que varia segundo os tempos e as circunstâncias e que, por essa razão, pode se exprimir ou, ao contrário, se recalcar, se expulsar ou se gritar, se negar ou arrastar outrem para ela. (FARGE, 2011, p.19)

A dor deste momento pandêmico – em terras brasileiras – dá dimensão coletiva a esta experiência da tragédia humana e da irresponsabilidade da esfera governamental federal por não agir em prol da proteção das crianças, dos jovens e adultos diante das consequências sanitárias e sociais que atravessamos. Mas, diante deste contexto, como tratar da pesquisa histórica, dos achados empíricos, enfim das análises que gravitam sobre infância? De pronto, faz-se necessário assumir que o investimento de horas a fio nos estudos sobre história da infância representa resistência e inventividade, demonstra nossa disposição em entender os fenômenos históricos e contemporâneos sobre a vida das crianças e suas experiências de infância.

O livro que tenho a honra de prefaciar se volta para muitas histórias que envolvem a dimensão da assistência, das memórias e práticas de oralidades nas comunidades de imigrantes, orientações católicas, debates jornalísticos, criação de instituições educativas para a primeira infância, casa do jornalista, enfim lugares e práticas diversas, nas quais, encontramos dimensões da infância na história da educação, conforme sugerido pelo título desta obra.

Um aspecto a destacar é a relação entre assistência, educação e infância. É recorrente perceber, na historiografia, uma dissociação entre estes campos de pesquisa e localizar estudos sobre história da assistência ou história da escolarização da infância sem pontas de diálogo ou ainda, não se reconhecendo imbricações entre estes fenômenos sociais. Neste livro, o leitor encontrará fragmentos de histórias que perpassam por estes dois campos, investigações que dialogam e apontam para a potencialidade dos nexos entre eles.

É também necessário reafirmar que os esforços que são empreendidos pelos pesquisadores em seus estudos individuais, depois partilhados em fóruns coletivos e associações científicas e, por fim, chega ao público mais amplo por meio da escrita em formato de livro, revela não só a devolutiva social do compromisso com a produção do conhecimento, mas a colaboração em fortalecer os espaços coletivos, de agremiação temática e profissional que sedimenta o campo que, sobre ele, estudamos e atuamos. A

história da infância e da juventude é fortalecida pelos investimentos feitos por meios das pesquisas divulgadas, mas nós - como pesquisadores e leitores - também nos alimentamos destas obras para entender melhor os fenômenos sociais e nos entendermos como sujeitos históricos.

Que os tempos estranhos atuais cedam lugar para novos desafios, perspectivas e sociabilidades e que os livros nos embalem e nos inspirem!

Gizele de Souza

## **REFERÊNCIA**

FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. [Coleção História e Historiografia]

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>3</b>
COM PIEDADE RUMO À FORÇA: A FILANTROPIA E AS CRIANÇAS POBRES NA OBRA DE BRONISLAW GEREMEK	
<i>Rafaela Paula da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
CRIAÇÃO DE CRÈCHES PARA FILHOS DE MÃES TRABALHADORAS	
<i>Eliane Mimesse</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O QUE DIZEM OS JORNAIS SOBRE A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA: UM LEVANTAMENTO SOBRE A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS DE OVIDE DECROLY EM PERIODICOS BRASILEIROS 1914-1935	
<i>Letícia Marques Borges Vilela de Carvalho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
LÍNGUA DE HERANÇA E INFÂNCIA: MEMÓRIAS E PRÁTICAS DE ORALIDADES NAS COMUNIDADES DE IMIGRANTES VÊNETOS NO PARANÁ NO SÉCULO XX	
<i>Elaine Cátia Falcade Maschio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
ORIENTAÇÕES CATÓLICAS PARA A INFÂNCIA ÍTALO-BRASILEIRA DE CURITIBA E REGIÃO (1926 – 1965)	
<i>Mara Francieli Motin</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
SOB A TUTELA DO ESTADO: A SUSPENSÃO DO PÁTRIO PODER NA CASA DO PEQUENO JORNALEIRO (CURITIBA, 1960-1980)	
<i>Nicolle Taner de Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7392115066</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Este volume surgiu dos debates decorridos no XVII Encontro Regional de História da ANPUH Paraná, em novembro de 2020, no Simpósio Temático Infâncias, Adolescências e Juventudes: histórias e historiografia. O primeiro evento a acontecer de forma totalmente virtual e, por esse motivo muito aguardado por todos. É certo que ninguém imaginava como se desenvolveria na prática tal evento, mas para surpresa geral, foi um sucesso. Recebemos o maior número de inscritos em nosso Simpósio Temático desde sua criação em 2014, excedendo o número máximo de inscritos e com vários participantes de outros estados. A quantidade de trabalhos inscritos e apresentados foi significativa, maior que nas versões presenciais. Afinal, o modo a distância tem relevância, quanto a participação destes colegas dos outros estados. Registra-se neste momento em que publicamos essa coletânea, que aguardamos ansiosos a volta da normalidade e dos encontros presenciais, e que essa situação pandêmica possa cessar.

Em todos esses anos tentamos a partir dos trabalhos apresentados nos encontros estaduais reunir um grupo, cada vez maior de pesquisadores, com novos olhares e novas perspectivas para estudar a temática da infância e da juventude. Buscamos estudiosos atentos às novas perspectivas de análise sobre a temática.

Se é verdade que a história só começa quando o historiador faz ao passado, em função de seu próprio presente, perguntas das quais os contemporâneos não poderiam ter a menor ideia, quem nos dirá – desde agora – qual inquietação, se esconde por trás dessa necessidade de acontecimentos, qual nervosismo implica essa tirania, qual acontecimento maior de nossa civilização exprime a colocação desse vasto sistema do acontecimento que constitui a atualidade? (NORA, 1988, p. 192)

Por esse motivo, é possível identificar que os textos reunidos neste volume abordam este aspecto da história, porque a partir da leitura de um autor que descreveu a história da pobreza em alguns países da Europa nos séculos da modernidade, Rafaela Paula pôde identificar os resquícios em seu discurso sobre a filantropia para a infância. Na leitura detalhada de periódicos dos séculos passados Eliane Mimesse e Letícia Marques restituíram as informações sobre as creches na cidade paulistana e as notícias sobre as práticas educativas de Jean Decroly na capital paranaense. Na verdade, o uso dos periódicos como fonte para pesquisa seria banal, mas o olhar das pesquisadoras alterou essa ação porque “tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ determinados objetos distribuídos de outra forma”, conforme citou Certeau (1988, p.30). O mesmo autor enfatizou ainda que os documentos que serão produzidos a partir da pesquisa poderão acabar alterando seu tempo, seu lugar e suas normas.

Para além dos periódicos as pesquisas fazem uso de outros documentos oficiais, mantidos em acervos governamentais, privados, religiosos, etc. É necessário buscar informações sobre legislações, ofícios, requerimentos, atas, anuários estatísticos, bulas, cartas, estatutos, relatórios, prontuários, entre outros. Mara Francieli recorre a modelos específicos de documentos eclesiásticos para identificar nuances da infância imigrante nas áreas coloniais próximas da capital paranaense; Nicolle Taner busca nos relatórios e prontuários institucionais indícios dos acontecimentos cotidianos que envolveram os

meninos órfãos que viviam em uma instituição profissional na cidade de Curitiba e, por esse motivo devemos atentar, ao processo de criação dos documentos.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho (...) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. (...) No limite não existe um documento verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1994, p. 547)

O papel do historiador é cruel. É o inquisidor dos documentos que usa como fontes primárias, seus únicos companheiros de sua longa jornada na pesquisa. Mas, existe a possibilidade de usar outros artefatos que contribuam com sua pesquisa e amenizem o trabalho nos arquivos. Uma possibilidade é a aproximação com a história oral, os sujeitos envolvidos podem ser entrevistados, essas entrevistas serão gravadas e depois transcritas. O rigor do historiador, neste caso, será apenas na elaboração do roteiro para os sujeitos envolvidos, nos momentos de gravação e de transcrição. Certamente, o grupo a ser escolhido para o desenvolvimento com a pesquisa de história oral, também deve ser levado em conta. É exatamente neste contexto que Elaine Cátia trabalha sua pesquisa, com o Centro de Estudos Vênets do Paraná. A partir das memórias dos adultos, a pesquisadora fez o resgate das ações e práticas desenvolvidas por essas pessoas quando eram crianças. A memória, como citou Le Goff (1994, p. 423) tem uma propriedade de “conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Com este volume o Simpósio Temático Infâncias, Adolescências e Juventudes: história e historiografia no Paraná demonstra que têm envolvimento ativo de pesquisadores, a pretensão é colaborar com a difusão do conhecimento histórico sobre infância e juventude paranaense e brasileira.

## REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Suzana F. Borges. 3.ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Trad. Theo Santiago. 3.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988, p. 179 – 193.

## LÍNGUA DE HERANÇA E INFÂNCIA: MEMÓRIAS E PRÁTICAS DE ORALIDADES NAS COMUNIDADES DE IMIGRANTES VÊNETOS NO PARANÁ NO SÉCULO XX

Data de aceite: 19/04/2021

**Elaine Cátia Falcade Maschio**

CEVEP/UFPR

Colombo-Paraná

<http://lattes.cnpq.br/1887181892191583>

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo analisar as práticas de oralidade das crianças nas colônias de imigrantes vênnetos no Paraná. Busca investigar como a infância lidou com as aprendizagens, as proibições e os castigos por serem bilíngues. Lançando mão das memórias de adultos nascidos entre as décadas de 1930 e 1950, a metodologia da história oral permitiu inventariar as representações, as práticas e os saberes aprendidos naquele contexto. O acervo de memória está sobre a guarda do CEVEP (Centro de Estudos Vênnetos no Paraná). A investigação está fundamenta na História Cultural. Ancorada na análise da cultura enquanto prática, e permite pensar na manutenção das línguas de diáspora, sendo a língua vênneto uma língua de herança ensinada às crianças. A língua materna nas comunidades de imigrantes italianos no Paraná foi a língua vênneto, pois a maioria dos colonos emigrados eram provenientes das províncias que compunham a região do Vênneto, na Itália. Nas famílias emigradas boa parte do processo de educação da infância foi desempenhada pelos *nonni/nuni*. Os saberes transmitidos em língua veneta compunham o processo educativo geracional. Por outro lado, na escola a língua materna não era reconhecida, exigindo das crianças a aprendizagem da língua portuguesa. As proibições, restrições e castigos experimentados pelas crianças por falarem a língua vênneto,

revelam a singularidade da história da infância nas regiões de colonização estrangeira no Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Infância; Imigração Vênneto; Paraná.

### HERITAGE LANGUAGE AND CHILDHOOD: MEMORIES AND PRACTICES OF ORALITIES IN THE COMMUNITIES OF VENETIAN IMMIGRANTS IN PARANÁ IN THE 20TH CENTURY

**ABSTRACT:** The objective of the text is analyze the oral practices of children in colonies of Venetian immigrants in Paraná. It looks for investigate how childhood dealt with learning, prohibitions and punishments for being bilingual. Making use of the memories of adults born between the 1930s and 1950s, the methodology of oral history made it possible to inventory the representations, practices and knowledge learned in that context. The memory collection is under the custody of CEVEP (Center for Veneto Studies in Paraná). The investigation is based on Cultural History. Anchored in the analysis of culture as a practice, it allows thinking about the maintenance of diaspora languages, with the Venetian language being a heritage language taught to children. The mother tongue in the Italian immigrant communities in Paraná was the Venetian language, since most of the emigrated colonists came from the provinces that made up the Veneto region, in Italy. In migrant families, a large part of the childhood education process was developed out by grandparents. The knowledge transmitted in the Venetian language was build in the generational educational process. On the other hand, at school the mother tongue was not recognized, requiring children to learn the Portuguese language. The prohibitions, restrictions and punishments experienced by children for speaking the Venetian language,



reveal the uniqueness of childhood history in the regions of foreign colonization in the State.

**KEYWORDS:** Childhood History; Venetian immigration; Paraná.

## 1 | PALAVRAS INICIAIS

Tem sido completamente abandonado, esquecido, amesquinhado o ensino primário em escolas promíscuas. É igual a reclamação por parte dos imigrantes por não terem nos núcleos, onde se acham estabelecidos, uma cara escola para os filhos seus, digamos de passagem, são sempre em grande número. Reclamam amargamente do governo e em sua rude linguagem dizem que o Estado quer que eles criem os filhos como “bestias”. (PARANÁ, 1890, p. 109)

Desde o final do século XIX os diferentes dialetos falados entre as centenas de famílias imigrantes que chegavam ao Paraná, chamavam a atenção das autoridades locais. A epígrafe que abre este capítulo - um fragmento da declaração registrada em um manuscrito do Chefe da Inspetoria Especial de Terras e Colonização Candido Ferreira de Abreu, endereçado ao Presidente da Província Américo Lobo Leite Pereira no ano de 1890 - traz indícios de como as línguas da imigração eram representadas.

Observa-se que o Inspetor se refere ao modo de falar dos imigrantes como “rude linguagem”, fazendo alusão a um modo arcaico e grosseiro de se expressar. Da estranheza da comunicação à ameaça da identidade linguística, os diferentes dialetos dos povos germânicos, eslavos e itálicos que se instalaram em terras brasileiras mobilizaram as autoridades a estarem atentos a esse elemento étnico da linguagem. Não falar a Língua Portuguesa constituía-se numa constante preocupação das autoridades e intelectualidades nacionais da época, e essa vigilância sobre os modos de falar do outro percorreu por toda primeira metade do século XX. Cumpre ressaltar, que o pertencimento étnico se corporificava nos costumes, na materialidade, na religiosidade, mas acima de tudo, nas formas de comunicação.

No ano de 1920, o Inspetor Escolar Cesar Prieto Martinez alertava em seu relatório sobre o elevado número de escolas estrangeiras no Paraná. Ele denunciava que nas diferentes regiões de colonização do Estado: “a língua falada é a poloneza, a alemã ou a italiana. O nosso idioma é inteiramente desconhecido por essas populações, cujos filhos aqui nasceram” (PARANÁ, 1920, p. 23). Ao fazer isso, considerava ser urgente a promoção de propagandas de alfabetização tendo como premissa, o ensino da Língua Portuguesa. Ademais, afirmava que era necessário convencer os colonos a inculcar em seus filhos, já nascidos no Brasil, o sentimento de pertencimento nacional reforçando a ideia de que eram, portanto, brasileiros.

Mesmo após as incisivas campanhas de nacionalização compulsória do ensino, configuradas desde a obrigatoriedade do ensino da língua vernácula, até a proibição de falar qualquer idioma estrangeiro, as famílias imigrantes e seus descendentes mantiveram no interior das suas casas a língua falada no seu país de origem. Ademais, essas línguas e suas variações foram perpetuadas entre as primeiras gerações, especialmente na experiência da infância em compartilhar o cotidiano com os avós. Nesses contextos de

bilinguismo, para muitas crianças a língua estrangeira - língua materna ou língua de herança – foi a primeira a ser aprendida, sendo o português a segunda língua.

Considerando que nas antigas colônias de imigrantes italianos a língua falada foi a Língua Vêneta, língua de herança que permeou as muitas infâncias que compareceram naqueles espaços étnicos, o presente texto tem como objetivo analisar as práticas de oralidade das crianças nas colônias de imigrantes vênets no Paraná por meio das memórias. Busca investigar como a infância lidou com as aprendizagens, as proibições e os castigos por serem bilíngues. Lançando mão das memórias de adultos nascidos entre as décadas de 1930 e 1950, a abordagem oral permitiu inventariar as representações, as práticas e os saberes aprendidos naquele contexto.

Por meio de entrevistas sociolinguísticas, foi possível recuperar os resquícios da memória do tempo da infância. O acervo utilizado está sobre a guarda do CEVEP (Centro de Estudos Vênets no Paraná). O CEVEP é um grupo de pesquisa multidisciplinar cadastrado na Plataforma do CNPq desde 2018, que congrega pesquisadores e alunos de diferentes áreas do conhecimento Linguística, Arquitetura, Pedagogia e História, da UFPR, UNICENTRO, PUC-PR, IPHAN-PR. Também colaboram com o projeto membros da comunidade italiana das regiões que abrigaram colônias vênets no Paraná, uma vez que um dos principais objetivos desse projeto é inventariar a Língua Vêneta/Talian no Paraná.

O material disponível foi gerado a partir de um amplo questionamento sobre as diferentes dimensões e aspectos da vida pessoal e comunitária, especialmente aquelas que configuram as aprendizagens das singularidades da fonologia dialetal vêneta-brasileira. O conteúdo das entrevistas foi entrecruzado com outras fontes documentais localizadas em arquivos públicos do Estado, nos quais foram consultadas as correspondências oficiais, tais como, requerimentos, ofícios e relatórios dos secretários, inspetores e professores.

As entrevistas sociolinguísticas com adultos de predominância da ascendência italiana (ítalo-brasileiros/vênets) que fazem parte da segunda e terceira geração - netos/bisnetos de imigrantes italianos que chegaram à região em fins do século XIX – possibilitou compreender vários aspectos das práticas cotidianas aludidas à infância, entre elas as práticas de oralidade. Emergiu da memória um conjunto de experiências infantis naqueles contextos rural, comunitário e bilíngue. A memória foi tomada aqui em dimensões distintas, tanto na relação com os pais e avós imigrantes italianos ou descendentes, quantos nos relatos dos depoentes sobre o seu tempo de infância. Na verdade, a memória constituiu-se como porta voz de representações sobre aquelas infâncias.

Cumprе ressaltar que a presente investigação está fundamentada na História Cultural. Ancorada na análise da cultura enquanto prática, este estudo permite pensar nas estratégias e táticas de manutenção ou apagamento das línguas de diáspora, sendo a Língua Vêneta ou, o Talian, uma língua de herança ensinada às crianças ou apropriada por elas. Os estudos de Peyton, Ranard e McGinnis (2001), Ortale (2016) e Valdés (2005) auxiliaram a compreender os diferentes elementos que conferem alcunha as diferentes acepções as línguas de herança.

De acordo com Peyton, Ranard e McGinnis (2001), a língua de herança pode ser mencionada também como língua comunitária, minoritária, étnica ou ancestral. Cumprе notar a polissemia do termo, que coloca em evidencia a possibilidade de ser designado por

diferentes sentidos. Podemos destacar, de acordo com Ortale (2016, p. 23), que a acepção predominante sobre o termo é aquela que faz “referência à língua falada em casa em um país em que essa língua não é majoritária”.

No Brasil, as línguas de imigração podem ser consideradas como línguas de herança, porque se constituem em línguas minoritárias, faladas e adquiridas no contexto dos grupos de imigrantes e comunidades de descendentes estabelecidos em um país de Língua Portuguesa. Alvarez (2006, p. 64) assevera que a língua de herança é aquela “aprendida no seio familiar desde tenra idade, pelo que, na maioria dos casos, é a primeira língua a ser adquirida pela criança”.

Embora Ortale (2016, p. 27) nos ofereça uma definição mais ampla para o termo língua de herança, como: “a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua”; cumpre ressaltar que no presente capítulo, as vozes cotejadas ressoam as memórias da infância de indivíduos que se relacionam com a Língua Vêneta, o Talian ou Vêneta Brasileiro, pelos laços de ancestralidade. Esse critério também serviu de base para estabelecer um corte na análise, que exclui a ideia de afiliação linguística, ou seja, aquela que de acordo com Ortale (2016) consiste em “incluir na categoria de aprendizes de língua de herança aqueles que não possuem vínculos ancestrais com a língua”.

Podemos dizer que nas comunidades italianas de Curitiba existem indivíduos que não são descendentes mais que construíram vínculos emocionais com o Talian ou o Vêneta Brasileiro. Contudo, todos os depoentes eleitos para a análise aqui apresentada, são descendentes de imigrantes italianos e adquiriram a língua no convívio com os avós italianos, ou aqueles já nascidos no Brasil. Portanto, a concepção de língua de herança é entendida neste texto como aquela língua relacionada ao sentimento de pertencimento étnica assinalada pela ancestralidade.

Nesta direção, vale lembrar que nas famílias emigradas boa parte do processo de educação da infância foi desempenhada pelos *nonni/nuni*. Os saberes, especialmente a aprendizagem da Língua Vêneta, foram em grande parte transmitidos pelos avós. Essa relação estabelecida entre os ancestrais e a infância compunha um importante processo educativo geracional estabelecido nas colônias de imigrantes italianos no Paraná. Por outro lado, na escola a língua materna não era reconhecida, exigindo das crianças a aprendizagem da Língua Portuguesa. As proibições, restrições e castigos experimentados pelas crianças por falarem a Língua Vêneta, o Talian revelam ainda a singularidade da história da infância nas regiões de colonização estrangeira no Estado.

## **2 | AS COLÔNIAS ITALIANAS NO PARANÁ: LÍNGUA E ORGANIZAÇÃO DOS IMIGRANTES VÊNETOS**

A região colonial italiana, ou seja, a parte do território paranaense que acolheu as primeiras colônias de imigrantes italianos em fins do século XIX concentra-se nos arredores da cidade da capital, correspondendo hoje a região metropolitana de Curitiba. Diante do insucesso no empreendimento de colônias agrícolas nas regiões litorâneas, criadas com

o intuito de estabelecer os peninsulares itálicos que chegavam ao Porto de Paranaguá, o planalto curitibano passou a abrigar esse contingente em colônias municipais, provinciais e particulares. Assim, em fins da década de 1870 foram criadas as colônias italianas de Antônio Rebouças, Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, Dantas (Água Verde), Santa Felicidade e Alfredo Chaves. Na década posterior, teve lugar a criação das colônias italianas Presidente Faria (1886), Maria José (1887), Eufrásio Correia (1888), Silveira da Mota (1888), Balbino Cunha (1889) e Dona Mariana (1889), além de muitas outras colônias mistas que receberam concomitante aos imigrantes alemães e eslavos, os italianos (MASCHIO, 2014).

A presença do imigrante pretendia garantir a ocupação das terras devolutas, branquear o país e fomentar a produção de gêneros alimentícios. Por isso, a política imigratória paranaense preconizou a vinda de grupos de famílias, que por meio da obtenção própria dos lotes pudessem desenvolver nessas pequenas propriedades rurais, a agricultura de subsistência e a venda de excedentes. Assim, a mão de obra dos primeiros imigrantes se organizava em torno do trabalho familiar, mas também era requisitada para o atendimento das atividades industriais e no emprego das obras públicas na cidade. Portanto, a capital acolheu também pequenos grupos de italianos que se instalaram de modo aleatório na região.

De acordo com Giron e Bergamaschi (2004), o contingente itálico fixado no planalto de Curitiba até o ano de 1900 era de aproximadamente 10.000 indivíduos. Machioski (2018) argumenta que a maioria dessa população emigrada procedia da região do Vêneto. Dessa forma, comparecem nas colônias italianas indivíduos provenientes das diferentes províncias vênetas: Vicenza, Beluno, Treviso, Pádua, Verona, Veneza e Rovigo. Logo, a língua que prevaleceu nessas comunidades itálicas foi a Língua Vêneta e suas variantes, que com o desenvolvimento das colônias passou-se a constituir-se pela relação híbrida com a Língua Portuguesa, o Vêneto Brasileiro ou, o Talian. Uma *koiné* de base vêneta.

Conforme Cunha e Gabardo (2020, p. 840) “O Talian é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil em algumas regiões de ocupação italiana”. É uma das principais línguas da imigração faladas no Sul do país, especialmente nas regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, que recebeu um significativo contingente populacional proveniente do Vêneto. Depois do processo de negação ocorrido em função das campanhas de nacionalização nas décadas de 1930 e 1940, o Talian foi reconhecido no ano de 2014 pelo IPHAN quando foi incluído no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, como patrimônio imaterial Referência Cultural Brasileira (CUNHA; GABARDO, 2020). É essa língua que foi ensinada e apreendida pelas crianças no interior da família imigrante no Paraná. Constituída como língua de herança assinalada pela ancestralidade, os indícios dessa oralidade podem ser encontrados nas reminiscências do tempo de infância.

### **3 | A LÍNGUA DE HERANÇA E OS SABERES APREENDIDOS NO TEMPO COMPARTILHADO PELA CRIANÇA COM I NONNI/NUNI**

A ancestralidade é uma relação importante para a aprendizagem da língua

de herança. O sentimento de pertencimento étnico motivado pelos laços parentais e comunitários construídos no interior da família foi fundamental para a manutenção da Língua Vêneto. As práticas de oralidade instituídas na profícua relação que se estabelecia entre os netos e os avós merece destaque nesta análise. Cumpre ressaltar que foi no tempo da infância compartilhado com *i nonni/nuni*, que os descendentes aprenderam a língua e outros saberes que organizam a vida social. Foi nessa relação parental e geracional que se projetava especialmente o vir a ser adulto. Os modos como a criança ítalo-brasileira foi representada, concebida e tratada, convergia na maioria das vezes na perpetuação do *ethos* camponês católico. Para Sarmiento (2008, p. 20), “as crianças não sendo consideradas como seres sociais plenos, são percebidos como estando em vias de o ser, por efeito da ação adulta sobre as novas gerações”. Assim, entende-se que no interior da família imigrante e descendente, na relação com os adultos, a criança constituía desde cedo o sentimento de pertencimento étnico.

Cumpre ressaltar que a família camponesa imigrante se caracterizava por relações parentais extensas, uma vez que várias gerações habitavam o mesmo espaço familiar e laboral. Numa mesma casa podiam-se viver os avós, os pais, os filhos, os tios, sobrinhos e primos. A extensão das famílias era fundamental para garantir o sucesso econômico arregimentando mais braços para as lavouras, considerando que a vida cotidiana nessas comunidades agrícolas se desenvolvia quase que exclusivamente em torno do trabalho com a terra (MASCHIO, 2013). Geralmente as crianças pequenas permaneciam com os avós enquanto os pais trabalhavam. Portanto, a criança iniciava na vida comunitária pela mediação do adulto, que proporcionava a aprendizagem das técnicas de produção, o sentido pela manutenção da propriedade, a prática da fé católica, entre outros saberes constituintes da vida social.

A ambiência bilíngue das colônias nos arredores de Curitiba assinalou as experiências infantis dos descendentes. Um dos depoentes nascido na década de 1930 relata como o bilinguismo fez parte de sua infância.

- Quando meu pai nasceu, nasceu aqui. O *nono* que veio da Itália. O pai dele. Sim! Todos falavam português, mas em casa tudo em Talian. Quando a gente ia pra escola sofria um pouco com o português.
- Teu pai falava português? (Entrevistador)
- Meu pai falava em português sim!
- Mas com vocês sempre em Talian? (Entrevistador)
- Sim, sempre em Talian, nunca em português.
- Quando foi a escola não falava nada em português? (Entrevistador)
- Em casa não, fora sim. Em casa tudo em Talian: Va ciapa la sapa! Ciapa la foice! Ciapa il cavaio! Va lava tal cosa che se è sporco! Tudo assim! Tudo em Talian! Com os *nonos* sempre em Talian.
- Quando você foi para a escola sabia falar em português? (Entrevistador)
- Sim, sabia falar em português, sim, sim!
- As duas? (Português e Talian) (Entrevistador)
- Sim, sim! (MASCHIO, 2019, *tradução nossa*)

Filhos e netos de imigrantes adquiriram naturalmente e precocemente ambas as línguas: a língua de herança, nesse caso a Língua Vênetas; e a língua do país de destino - a Língua Portuguesa. De acordo com Valdés (2005), ainda que para muitos descendentes a língua de herança tenha sido a primeira, a língua materna, ela não se configura como a língua dominante. Observa-se que a língua de herança comparece na intimidade da família, enquanto que nas relações comunitárias mais amplas como a escola, por exemplo, a língua majoritária era o português.

Por meio das práticas de oralidade no cotidiano da vida familiar, os adultos foram capazes de compartilhar o seu tempo produtivo com as crianças, ensinando-as. Além de construir brinquedos e utensílios de uso cotidiano de forma conjunta, os adultos transmitiam de forma oral as histórias da Itália e os episódios da viagem. Lembranças das histórias familiares como as paisagens, as casas, as restrições, o trabalho, os conflitos, os milagres, as crenças e superstições, as doenças, a morte, a despedida, entre outros. De modo muito proveitoso, orações, cantos e historietas infantis eram ensinadas. As *filastrocches* ou as rimas infantis recitadas em Língua Vênetas, mantendo-se o seguimento fonético do final de cada verso permitiam que se estabelecesse uma relação afetiva entre as crianças e os adultos, uma vez que a aprendizagem dessas rimas pressupunha contato físico e visual entre netos e avós (MASCIO, 2013).

As histórias de superstições eram certamente as que mais encantavam as crianças. Uma das depoentes lembra como o tempo livre da infância foi compartilhado com o bisavô vêneto, que lhe contava inúmeras histórias de assombrações:

- Você lembra de alguma história antiga ou não? (Entrevistador)

- Si de assombração! Ah, os antigos falavam tanto de assombração! E eu falo até hoje para as minhas crianças da assombração, eles sabem de tudo. Então das panelas de dinheiro. Isso me encanta essas histórias sabe? Até hoje nós achamos que aqui naquele canto tem uma panela de dinheiro enterrada. Porque meu *bisnono* via uma galinha que vinha dentro desse lado daqui, de noite, meia noite, escutava o barulho e daí ele olhava na janelinha e via a galinha vindo, uma galinha de ouro: co-co-re-co! E se sumia bem ali no canto atrás de uma palmeira que tinha. (GUENO, 2019)

Observa-se neste exemplar, que houve um significativo processo de contato linguístico, pois sua fala apresenta de forma híbrida as Línguas Vênetas, Portuguesa e Italiana. Ao lançar um olhar sobre a relação entre infância e língua de herança, entende-se que há uma forte associação entre aprendizagem e compreensão da língua e a história de vida pessoal do falante.

O fragmento acima também interessa a análise da efetividade das práticas de oralidade no interior das famílias em comunidades bilíngues. É inconteste que a interação realizada no processo geracional entre netos e avós como práticas cotidianas da infância, não foi apagada da memória daqueles descendentes. No caso analisado, observa-se que os saberes apreendidos com o *bisnono* são revisitados pela memória e foram reproduzidos com os filhos, perpetuando-se assim, a partir de novas configurações e elementos, os saberes ancestrais por meio das memórias do tempo da infância.

Por outro lado, nem sempre as crianças nas antigas colônias de imigrantes puderam

desfrutar de momentos de privilegiado diálogo e interação com os adultos. Havia também intercâmbios entre crianças e os nonni/nuni que eram marcados pelos silenciamentos e muita repreensão. A postura assumida por alguns adultos em relação à infância também foi de relações pouco interativas. Mesmo assim, pode-se verificar que os ofícios, as receitas, as práticas agrícolas, os trabalhos manuais (especialmente os bordados, o feitio das rendas, a costura para as meninas), eram transmitidos e apreendidos nesses momentos de vivência intergeracional.

Interessante perceber nos indícios do depoimento a seguir, qual era a representação dos adultos com relação à criança. Como um ser ausente de razão e autonomia, a naturalidade com que as crianças desenvolviam os trabalhos cotidianos, revelava a forma como elas eram concebidas: como um ser inacabado que desde a mais tenra idade, deveria ser submetida ao processo educativo empreendido pela família, que tinha na figura dos avós o seu principal educador. O papel educativo da família naquele momento se tornava fundamental para introduzir a criança na vida comunitária e no mundo do trabalho.

Ao ser questionada sobre sua infância na década de 1950, Pietrobelli oferece indícios para compreender a relação com a aprendizagem do ofício, no auxílio dos trabalhos cotidianos. Mas cumpre ressaltar a relação que esta depoente estabelece entre a memória e a língua de herança. Sua fala demonstra que mesmo com a pouca interação dialógica e afetiva com os adultos, especialmente com os avós com os quais passou o maior tempo de sua infância, a Língua Vêneto foi adquirida:

- A gente brincava muito, muito!
- Mas ajudava os pais, os *nonos*? (Entrevistador)
- A gente trabalhava também, aí na casa do meu avô debulhava o milho pra eles pegar e levar para o moinho e trazer a farinha.
- E o nono falava com você em que língua? (Entrevistador)
- O nono non! Eles não se dirigiam às crianças. Não! No caso eles falavam meu vô, minha vó, minha tia, meu tio. Tinha minha tia que morava junto com a minha vó, que é da família Stela ela não falava italiano. Ela entendia o que eles falavam, mas ela não falava. Mas nós crianças entendíamos tudo o que eles falavam, pois a gente sempre tinha assim, não junto, mas a gente prestava atenção, mas eles não se dirigiam pra gente. Aqui era assim: criança é criança! Se chegasse uma pessoa estranha, as crianças fugiam e se escondia tudo que nem índio. (PIETROBELLI, 2019)

Observa-se pelo depoimento que neste caso, mesmo que os adultos não estabelecessem um diálogo direto com as crianças, a Língua Vêneto foi adquirida por observar os modos de falar. Para a depoente a relação que os pais, avós e tios instituíam com as crianças da família era unilateral e autoritária. Ao afirmar não falar a “língua italiana”, mas compreende-la, entende-se que o bilinguismo é caracterizado mesmo pelo domínio parcial de dois idiomas. De acordo Valdés (2005), uma das características dos indivíduos que convivem em comunidades bilíngues é a aprendizagem de ambas as línguas, não importante o grau de proficiência. Portanto, mesmo que a depoente não tenha apreendido a falar a Língua Vêneto, ou o Talian – não tenha proficiência linguística - ela compreendia essa linguagem, e isso a tornava bilíngue. Nesse caso, a depoente adquiriu como língua

materna o português, e a língua de herança se constituiu como segunda língua.

Assim, são bilíngues porque mantêm laços ancestrais. Ao partir desse pressuposto, entende-se que a Língua Vêneto, o Talian se constitui como língua de herança, apreendida de forma involuntária em decorrência das práticas de oralidade experimentadas pelas crianças na ambiência em que essa língua prevalecia. Consequentemente, língua de herança é aquela de relevância familiar, falada ou compreendida.

Nas comunidades de imigrantes italianos no Paraná é possível encontrar nas reminiscências da infância, crianças que morando em uma casa em que não se falava o português, cresceram falando ou compreendendo a língua falada no interior da casa (a língua de herança). Todavia, mesmo que não falasse a Língua Vêneto, o Talian essa criança pode ser considerada bilíngue, e essa condição deixou marcas indeléveis na memória de muitos descendentes.

#### **4 | AS MEMÓRIAS DA LÍNGUA DE HERANÇA EM MEIO AOS ESTIGMAS DO TEMPO DE ESCOLA**

Ao longo do século XX a historiografia tem oferecido muitos estudos para compreender as implicações das políticas de nacionalização do ensino no Brasil. O incomodo gerado pelo falar uma das línguas de imigração, em decorrência das campanhas de nacionalização desde 1900, mobilizou em certos momentos o apagamento ou a negação da identidade linguística imigrante. A obra de Claudemir de Quadros lançada no ano de 2014 enuncia com seu sugestivo título, que *Uma gota Amarga* foi derramada pelos diferentes imigrantes e seus descendentes nos períodos de maior repreensão da ditadura do Estado Novo, por perpetuarem as línguas da imigração.

Mesmo diante dos sucessivos processos de reconhecimento das línguas de imigração como patrimônio cultural imaterial brasileiro, conservar a língua de herança foi um problema enfrentado por muitos descendentes. Isso porque os ressentimentos pela proibição ou depreciação de falar a língua herdada, reverberam ainda hoje as cicatrizes do tempo da escola.

A escolarização, como processo de aquisição da língua escrita, lança mão de uma gramática escolar ancorada em estrutura humana, simbólica e material que cria mecanismos e dispositivos de persuasão sobre a infância. O sofrimento físico e moral dos alunos diante das dificuldades em aprender a Língua Portuguesa foram partes constituintes de uma cultura escolar instituída nas escolas de colonização estrangeira. Humilhações, castigos, evasões e ressentimentos somavam-se às tentativas de autocontrole em não falar a Língua Vêneto, o Talian, bem como, o esforço por aprender um novo idioma. Mas era difícil evitar falar em público uma língua disseminada majoritariamente no universo familiar (MASCHIO, 2014).

Uma das depoentes nascidas na década de 1940 relatou que a ida a escola foi um processo muito difícil. Para muitos descendentes de imigrantes italianos, o fonema da letra “r” e “rr” pode ser configurado como um dos principais motivos pelos quais seriam hostilizados no processo de alfabetização na escola. Ao trazer os resquícios dos elementos constituintes da língua de herança, como por exemplo, o fonema “r” no seu modo de falar, a



criança colocava em evidência o seu pertencimento étnico, e, portanto, tornava-se diferente perante os demais alunos.

- Você foi à escola? (Entrevistador)

- Sim.

- E como era? (Entrevistador)

- Ah... era difícil. No começo era difícil, porque a gente falava diferente, um "erre" só. Então a gente foi numa escola onde tinha muita criança diferente.

- Isso era aqui na Colônia? (Entrevistador)

- Não. Era na Campina Grande do Sul. E eles davam muita risada do jeito da gente falar. E naquela sala, por ser num loteamento, lá onde é o Eugênia Maria, só tinha eu de diferente. Então foi difícil. (FERRARINI, 2019, *tradução nossa*)

As práticas de oralidade na escola evidenciavam de um lado, a dificuldade em aprender o idioma nacional, do outro, a autovigilância em não falar ou pronunciar os fonemas (os sotaques) daquele idioma. Apreendida naturalmente e precocemente no seio familiar, entre os colóquios feitos quase que exclusivamente em Língua Vêneta, ou Talian (MASCHIO, 2020), a língua de herança mobilizava diferentes emoções. E esses sentimentos influenciavam significativamente o processo individual de escolarizar-se.

As crianças, principalmente das regiões rurais que adquiriram a língua portuguesa com essas marcas, sofrem esse mesmo preconceito – e até mesmo são estigmatizadas – entre seus pares, na escola. E essa não dispõe de mecanismos para integrá-los nem informações suficientes para lhe assegurar um lugar tranquilo de desenvolvimento de saberes e competências, sem que se sintam diminuídos perante uma outra realidade. Tais crianças, mesmo sendo bilíngues passivas, ou mesmo monolíngues do português, sofrem pelas marcas da língua portuguesa que adquiriram e não pela influência de uma outra língua em sua fala (FAGGION, p. 139)

Ao analisar os depoimentos dos descendentes na região colonial italiana de Curitiba, Cunha e Gabardo (2020) asseveram que os episódios de depreciação dos modos de falar experimentados por esses indivíduos em diferentes momentos na escola, geravam sentimentos de medo e vergonha, ocasionando os silenciamentos e até mesmo a negação. Esses processos impediram que essa língua de herança pudesse ser continuamente apreendida no interior das famílias, sendo muito poucas as crianças que ainda hoje falam a Língua Vêneta, o Talian nessas regiões. Contudo, como acreditam os autores, ainda que o processo compulsório de nacionalização do ensino tenha reforçado as atitudes linguísticas negativas em relação a língua, ela ainda está lá, adormecida. Assim, em meio às cicatrizes do tempo da escola, às reminiscências do tempo de ser criança assinalada com os traços do seu pertencimento étnico em uma sociedade onde a língua majoritária não é a língua de herança, é possível encontrar os resquícios desse falar e das práticas de oralidade em torno dela, quando as memórias da infância são acionadas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes transmitidos em Língua Vêneto, e a própria língua, compuseram o processo educativo geracional no interior da família imigrante. Os *nonni/nuni* foram os principais responsáveis por transmitir esses saberes, pois se posicionavam no interior da família mais próximos da infância. Da mesma forma, as crianças estabeleciam uma relação de aprendizagem afetiva e efetiva com os avós. Além dos ofícios, orações e histórias, as crianças se desenvolviam em torno dos anseios do mundo adulto, projetados em grande parte pelos pais e operacionalizados pelos avós.

Por outro lado, mesmo nas relações unilaterais entre os adultos e as crianças, a Língua Vêneto foi apreendida em decorrência da convivência conjunta entre falantes em um universo bilíngue. As práticas de oralidade no interior das famílias imigrantes e de seus descendentes foram fundamentais para que a língua de herança fosse apreendida, não importando a grau de proficiência. Assim, a Língua Vêneto, ou o Talian foi uma importante herança que a infância nas colônias de imigrantes vênetos no Paraná legou dos seus ancestrais.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M.L.O. O falante de herança: à procura de sua identidade. In: ALVAREZ, M. L. O.; GONÇALVES, L. **O Mundo do Português e o Português no mundo afora**: especificidades, implicações, ações. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 59-85.

CUNHA, K. M. R.; GABARDO, D. Talian: língua negada e (re) conhecida pelos descendentes vênetos de Curitiba e região metropolitana. **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 840-858, 2020.

FAGGION, Carmem M. Bilinguismo precoce e estigma. In: GIRON, Lorraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Orgs.). **Imigração e Cultura**. Caxias, RS: Educs, 2007. p. 133-142.

GIRON, Lorraine S.; BERGAMASCHI, Heloisa E. **Terra e homens**: colônias e colonos no Brasil. Caxias, RS: EDUCS, 2004.

MACHIOSKI, F. L. **Uma luta Ultramontana**: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901). Dissertação, Curitiba: UFPR, 2018.

MASCHIO, E. C. F. Nas fendas abertas da memória: ser criança ítalo-brasileira nas antigas colônias italianas do Paraná entre os anos de 1910 a 1930. In: MIMESSE, E. (org.). **Bambini piccoli**: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiaí, SP: Paco, 2020, p. 123-156.

\_\_\_\_\_. Escolas da imigração italiana no Paraná: a constituição da escolarização primária nas colônias italianas In: LUCHESE, T. A. (org.). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014, v.1, p. 213-231.

\_\_\_\_\_. Os imigrantes italianos, seus descendentes e suas escolas frente às campanhas de nacionalização do ensino em Curitiba/Paraná (1900-1930). In: QUADROS, Claudemir de. **Uma gota amarga**: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria, RS: UFMS, 2014. p. 259-290.

\_\_\_\_\_. A infância contadina nas colônias italianas de Curitiba no Paraná. In: MIMESSE, E. (org.). **Bambini brasiliani**: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiaí, SP: Paco, 2013, p. 55-92.

ORTALE, F. L. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria.** Tese, FFLCHUSP: São Paulo, 2016.

ORTALE, F.L.; MAGGIO, G.; BACCIN, P. Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos. **Revista de Italianística**, n. 146-163, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/116218>.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretario Geral de Estado.** Typ. Da Penitenciária do Estado: Curitiba, 1920.

\_\_\_\_\_. Departamento Estadual de Arquivo Público. **Ofício.** 1890, p. 109.

PEYTON, J.K.; RANARD, D.A; MCGINNIS, S. (Eds.). **Heritage languages in America: Preserving a national resource.** Washington: DC & McHenry, IL: Center for Applied Linguistics & Delta Systems, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto. GOUVEA, Maria Cristina de Soares. **Estudos da Infância: educação práticas sociais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 17-39.

VALDÉS, G. Bilingualism, Heritage Language Learners and SLA Research: Opportunities lost or Seized? **The modern language journal**, v.89, n.3, p. 410-426, 2005.

## **ENTREVISTAS**

MASCHIO, I. Entrevistado em 14/04/2019, Diego Gabardo, transcrição Elaine C. F. Maschio.

PIETROBELLI, A. Entrevistada em 24/03/2019, Moises Stival, transcrição Elaine C. F. Maschio.

GUENO, R. Entrevistada em 27/04/2019, Marta Cavalli Cavassin, transcrição Elaine C. F. Maschio.

FERRARINI, G. Entrevistada em 27/04/2019, Marta Cavalli Cavassin, transcrição Elaine C. F. Maschio.

# DIMENSÕES DA INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



Atena  
Editora

Ano 2021

# DIMENSÕES DA INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



Atena  
Editora

Ano 2021